

A REFORMA DA IMPRENSA¹

(*Combat*, 23 de agosto de 1944.)

Albert Camus

Tradução de Leandson Vasconcelos Sampaio²

Toda reforma moral da imprensa seria em vão se ela não fosse acompanhada de medidas políticas capazes de garantir aos jornais uma independência real frente ao capital. Mas, inversamente, a reforma política não teria nenhum sentido se ela não fosse inspirada por um profundo questionamento do jornalismo pelos próprios jornalistas. Aqui como em outros lugares, há uma interdependência da política e da moral.

Esse questionamento nos pareceu, em princípio, que os jornalistas da nova imprensa tiveram que operá-lo durante os anos da clandestinidade. Eu persisto em crer que isso continua verdadeiro. Mas eu disse ontem que esse tipo de reflexões não se reflete muito na maneira como a imprensa atual é apresentada.

O que é um jornalista? É um homem que primeiro supostamente tem ideias. Este ponto merece um exame particular e será tratado em outro artigo. É em seguida um homem que se encarrega a cada dia de informar o público sobre os eventos da cidade. Em suma, um historiador do dia-a-dia – e sua primeira preocupação deve ser a verdade. Mas qualquer historiador sabe o quanto, apesar do recuo, as confrontações de documentos e as sobreposições de testemunhos, a verdade é passageira na história. Para esse estado de coisas, ele só pode fazer uma correção, que é moral, quero dizer, uma preocupação com objetividade e prudência.

¹ CAMUS, Albert. *La réforme de la presse*. In: CAMUS, Albert. *Œuvres Complètes. Bibliothèque de la Pléiade. Articles, préfaces, conférences. (1944-1948). Articles publiés dans "Combat" (1944-1947)*. Éditions Gallimard, Paris: 2006. Págs. 521-523.

² Licenciado, bacharel e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: leandson@hotmail.com

Quão urgente essas virtudes se tornam então no caso do jornalista, privado do recuo e impedido de controlar todas as suas fontes! O que para o historiador é uma necessidade prática torna-se uma lei imperativa fora da qual sua profissão é apenas uma má ação.

Podemos dizer que hoje nossa imprensa vive de prudência e não se preocupa com a verdade? Certamente que não. Ela repõe em honra os métodos que nasceram, antes da guerra, da corrida pela informação. Toda notícia boa parece ser a primeira (veja, por exemplo, a falsa esperança dada aos parisienses em relação ao retorno do gás e da eletricidade).

Como é difícil sempre ser o primeiro no que diz respeito à grande informação, como a fonte é atualmente única, nos precipitamos sobre o detalhe que achamos pitoresco. E em um tempo onde a guerra está destruindo a Europa, onde nós não temos o suficiente de nossos dias para enumerar as tarefas que nos aguardam, nem toda a nossa memória basta para lembrar os camaradas que nós devemos ainda salvar, tal jornal mostra no topo de suas colunas, sob um grande título, as declarações vãs de um artista público que se descobre uma vocação de insurgente após quatro anos de fracos compromissos. Isso já era desprezível quando o *Paris Soir* deu o tom para toda uma imprensa. Mas isso é propriamente desesperador quando se trata de jornais que trazem agora toda a esperança de um país.

Estamos vendo assim se multiplicar nos layouts de publicidade sobrecarregados com títulos cuja importância tipográfica não tem relação com o valor das informações que eles apresentam, cuja redação exige espírito de tranquilidade ou sentimentalismo do público: gritamos com o leitor, procuramos agradá-los quando precisamos apenas esclarecê-los. A bem da verdade, damos todas as provas de que desprezamos isso e, ao fazer isso, os jornalistas julgam eles mesmos mais do que julgam seu público.

Porque o argumento de defesa é bem conhecido. Dizem-nos: "É isso que o público quer". Não, o público não quer isso. Ele foi ensinado por vinte anos a querer, o que não é a mesma coisa. E o público, ele também, refletiu ao longo desses quatro anos: eles estão prontos para dar o tom da verdade, pois acabaram de passar por uma terrível época de verdade. Mas se vinte jornais, todos os dias do ano, soprarem em torno dele o próprio ar de mediocridade e artifício, ele respirará esse ar e não poderá mais ficar sem ele.

Uma oportunidade única nos é oferecida, ao contrário, de criar um espírito público e elevar à altura do próprio país. O que pesa em face disso alguns sacrifícios de dinheiro ou de prestígio, o esforço cotidiano de reflexão e de escrúpulo que é suficiente para manter sua roupa em um jornal?

Eu ponho somente a questão aos nossos camaradas na nova imprensa. Mas, sejam quais forem as reações deles, eu não posso acreditar que eles respondam levemente.

LA RÉFORME DE LA PRESSE.

(Combat, 1 septembre 1944.)

Toute réforme morale de la presse serait vaine si elle ne s'accompagnait de mesures politiques propres à garantir aux journaux une indépendance réelle vis-à-vis du capital. Mais, inversement, la réforme politique n'aurait aucun sens si elle ne s'inspirait d'une profonde mise en question du journalisme par les journalistes eux-mêmes. Ici comme ailleurs, il y a interdépendance de la politique et de la morale.

Cette mise en question, il nous semblait en principe que les journalistes de la nouvelle presse avaient dû l'opérer pendant les années de la clandestinité. Je persiste à croire que cela reste vrai. Mais j'ai dit hier que ce genre de réflexions ne se reflétait pas beaucoup dans la façon dont la presse actuelle est présentée.

Qu'est-ce qu'un journaliste? C'est un homme qui d'abord est censé avoir des idées. Ce point mérite un examen particulier et sera traité dans un autre article. C'est ensuite un homme qui se charge chaque jour de renseigner le public sur les événements de la ville. En somme, un historien au jour le jour – et son premier souci doit être de vérité. Mais n'importe quel historien sait combien, malgré le recul, les confrontations de documents et les recoupements de témoignages, la vérité est chose fuyante en histoire. À cet état de fait, il ne peut apporter qu'une correction, qui est morale, je veux dire un souci d'objectivité et de prudence.

De quelle urgence ces vertus deviennent-elles alors dans le cas du journaliste, privé de recul et empêché de contrôler toutes ses sources! Ce qui pour l'historien est une nécessité pratique devient pour lui une loi impérieuse hors de laquelle son métier n'est qu'une mauvaise action.

Peut-on dire qu'aujourd'hui notre presse vit de prudence et ne se soucie que de vérité? Il est bien certain que non. Elle remet en honneur des méthodes qui sont nées, avant la guerre, de la

course aux informations. Toute nouvelle est bonne qui a les apparences d'être la première (voyez par exemple le faux espoir donné aux Parisiens touchant le retour du gaz et l'électricité).

Comme il est difficile de toujours être le premier en ce qui concerne la grande information, puisque la source actuellement en est unique, on se précipite sur le détail que l'on croit pittoresque. Et dans un temps où la guerre déchire l'Europe, où nous n'avons pas assez de nos journées pour énumérer les tâches qui nous attendent, pas assez de toute notre mémoire pour le souvenir des camarades que nous devons encore sauver, tel journal montre en tête de ses colonnes, sous un gros titre, les vaines déclarations d'un amuseur public qui se découvre une vocation d'insurgé après quatre ans de vaines compromissions. Cela déjà était méprisable lorsque *Paris Soir* donnait le ton à toute une presse. Mais cela est proprement désespérant quand il s'agit de journaux qui portent maintenant tout l'espoir d'un pays.

On voit ainsi se multiplier des mises en page publicitaires surchargées de titres dont l'importance typographique n'a aucun rapport avec la valeur de l'information qu'ils présentent, dont la rédaction fait appel à l'esprit de facilité ou à la sensiblerie du public: on crie avec lecteur, on cherche à lui plaire quand il faudrait seulement l'éclairer. À vrai dire, on donne toutes les preuves qu'on le méprise et, ce faisant, les journalistes se jugent eux-mêmes plus qu'ils ne jugent leur public.

Car l'argument de défense est bien connu. On nous dit: "C'est cela que veut le public". Non, le public ne veut pas cela. On lui a appris pendant vingt ans à le vouloir, ce qui n'est pas la même chose. Et le public, lui aussi, a réfléchi pendant ces quatre ans: il est prêt à prendre le ton de la vérité puisqu'il vient de vivre une terrible époque de vérité. Mais si vingt journaux, tous les jours de l'année, soufflent autour de lui l'air même de la médiocrité et de l'artifice, il respirera cet air et ne pourra plus s'en passer.

Une occasion unique nous est offerte au contraire de créer un esprit public et de l'élever à la hauteur du pays lui-même. Que pèsent en face de cela quelques sacrifices d'argent ou de prestige, l'effort quotidien de réflexion et de scrupule qui suffit pour garder sa tenue à un journal? Je pose seulement la question à nos camarades de la nouvelle presse. Mais, quelles que soient leurs réactions, je ne puis croire qu'ils y répondent légèrement.